

Entrevista com Chico de Oliveira

Francisco de Oliveira, sociólogo e professor titular da Universidade de São Paulo, Coordenador Científico do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania – CENEDIC/USP. Um dos pensadores mais respeitados da esquerda brasileira, recebeu vários prêmios e títulos, como o título de cidadão paulistano, o prêmio Homem de Idéias 2004 e o prêmio Jabuti 2004 pelo melhor trabalho em ciências humanas com o artigo O ornitorrinco. Dentre sua produção, destaca-se ainda A economia brasileira: crítica à razão dualista.

Plural: Para começar, gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre sua trajetória na Sociologia.

Chico: Eu fiz Ciências Sociais em Recife. Infelizmente lá não havia os “três porquinhos” – Marx, Weber e Durkheim. Isso foi de 1953 a 1956. O curso era muito precário. Tive um excelente professor de Matemática para Ciências Sociais e um professor muito razoável de Estatística. Mas de Ciências Sociais mesmo não havia quase nada. O professor de Filosofia era um padre, portanto, como diz a velha piada infame, colocaram a raposa para cuidar do galinheiro... Enfim, era um curso medíocre, de uma faculdade de província, arranjado para contemplar os amigos da política. Na verdade, não ganhei quase nada com aquele curso. O professor de Sociologia era

um constitucionalista, professor da Faculdade de Direito, muito erudito. Até russo ele falava. Mas certamente não era um sociólogo. Era um curso muito ruim. Um outro [professor], mais interessante, era assistente dele. Era um sujeito que estudava o behaviorismo e deu quase o tempo todo este conteúdo. O curso de Política era ruim. Aprendi Sociologia depois, não na Faculdade. Então meu aprendizado de Sociologia não é paradigma nenhum, não é exemplar para nada! Os cursos, em geral, no Brasil, eram muito fragmentários, dependiam muito das personalidades, nas províncias sempre havia um sujeito muito culto, muito lido e que ia dar aula. O processo de sistematização vem muito depois e inspirou-se basicamente na USP, por causa da famosa Missão Francesa. Foi ela que deu um padrão ao ensino de Ciências Sociais no Brasil. Isso incomoda muito, principalmente o pessoal do Rio, porque eles acham que isso é uma pretensão exagerada de São Paulo querer fazer a cabeça do Brasil. Mas na área do ensino de Sociais, de fato fez. O Rio tem outras referências: por exemplo os paulistas falam em Lévi-Strauss, já os cariocas falam em Darcy Ribeiro e Luiz Faria, professor do Museu Nacional. Ao mesmo tempo, é claro que eles conhecem Lévi-Strauss. Os cariocas falam de Guerreiro Ramos na Sociologia e os paulistas de Florestan Fernandes.

Mas, de qualquer forma, acho que foi de fato a USP que formou um novo padrão de ensino de Ciências Sociais no Brasil, a partir da Missão Francesa e dos que vieram com ela: Monbeig e, sobretudo, Lévi-Strauss na Antropologia, e os Bastide na Sociologia. Eles deram um padrão e esse padrão foi sendo replicado no Brasil todo, com variações, mas basicamente o novo ensino de Ciências Sociais se forma aí.

Plural: Mas quando o Brasil passa a seguir uma linha?

Chico: Passa a seguir quando são criadas as universidades, porque antes não havia. No Brasil havia a USP e a do Distrito Federal. A do Distrito Federal teve grandes nomes, mas durou pouco. O Estado Novo, e muito depois o Ministério da Educação, começou a criar as universidades, a Universidade do Brasil, que é hoje a UFRJ, a Universidade do Recife é dos anos quarenta, a da Bahia também. Mas eram poucas. A onda de multiplicação das universidades federais, surpreendentemente, é da ditadura. Foi ela que criou a maior parte das universidades federais em cada Estado. Por orientação do Ministério da Educação e também por pressão e reivindicação dos políticos locais, acabaram criando universidades em todos os Estados. Há Estados que foram inteligentes, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que têm cerca de sete cada um.

Plural: O senhor acha que a USP ainda hoje influencia a construção do pensamento sociológico no restante do país?

Chico: Influencia muito. Influencia por causa dos cursos de pós-graduação. Ao voltar você leva muito da USP. Vem muita gente de todo o Brasil para cá. Até por-

que foi uma política do Ministério da Educação de, até certo ponto, não criar a pós-graduação em todos os Estados. Com isso, veio muita gente para São Paulo e Rio de Janeiro. Então, é por aí que a influência se deu. Com variações, o padrão dos cursos de Ciências Sociais é basicamente o mesmo no Brasil. Às vezes varia. Na grade há tipos de abordagem, autores ou temas, mas basicamente é um padrão.

Plural: Dentro do campo maior, da Sociologia em geral, se a Sociologia no Brasil é mais ou menos como é a da USP, o que isso significa no interior das possibilidades de se fazer Sociologia? Poderiam ser outros modelos. Então, o que significa essa opção do modelo "uspiano"? Que tipo de Sociologia é este que está sendo feito em relação a outros possíveis?

Chico: Significa precisamente isso, que a orientação, temas, influências são mais ou menos hegemônicos. Isso influenciou e influencia a escolha de pesquisas, de temas pelos alunos, pelos pós-graduandos. Tem uma enorme influência! Evidentemente que se tivesse uma orientação diferente, as próprias teses e pesquisas que se fazem seriam talvez diferentes. Para mostrar tipicamente como isso influencia, um autor como Gilberto Freyre só veio a ser estudado muito recentemente devido ao preconceito. Primeiro, ele não é de São Paulo. O que não é daqui tem muita dificuldade para avançar. Segundo, Gilberto depois de celebrar-se com *Casa Grande & Senzala*, ficou um tremendo de um reacionário. Justamente a influência dos "três porquinhos" afastava Gilberto Freyre da universidade. É difícil encontrar, mesmo na USP, uma apreciação sistemática da obra de Gilberto. Então isso exemplifica, mesmo usando um autor brasileiro.

No caso do Luiz Castro Faria, que é um antropólogo que se opunha a Lévi-Strauss, a antropologia da USP não enfatiza muito o seu trabalho. E percebe que há quem diga que ele era melhor no trabalho de campo do que Lévi-Strauss. Os cadernos de campo de Castro Faria, para o pessoal do Rio são referências básicas. Eles aprendem a fazer campo com ele. Isso mostra que se você variar de autores, varia a influência. Mas a internacionalização da sociologia, com suas vastas e múltiplas reuniões, influencia ainda mais, e trouxe para nós temas e problemas que não tiveram nascimento local.

O caso de Gilberto Freyre é notável. Ele é sem dúvida o maior sociólogo brasileiro! Agora, na Universidade do Recife o detestávamos. Lembrem-se: Recife teve uma forte influência do PCB, para quem ele era um membro da classe dos latifundiários! Eu nunca tinha lido nada dele, salvo artigos nos jornais da província. Fui ler pela literatura e não pela sociologia. Ele era simplesmente detestado! Quando ele fazia parte de bancas, a gente ia lá para vaiá-lo! Tenho certeza que isso influenciou. Como Gilberto vai ser recuperado agora? Vai ser recuperado pelo tema da mulher, pelo tema, evidentemente, do negro. A cozinha é uma coisa onde ele colocou um acento forte. Ele não era nenhum metodólogo, não estava muito preocupado com isso, enquanto que o forte da USP, por exemplo, é a metodologia – quer dizer, onde Florestan insistiu, insistiu e insistiu, fazendo um livro chatíssimo que ninguém consegue ler, *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, que é uma pedra no sapato! Mas ele fez firme e formou uma geração brilhante, muito boa em Metodologia das Ciências Sociais. Isso marcou muito o padrão USP.

Plural: A que o senhor atribui a essa retomada de Gilberto Freyre, que até então não era importante?

Chico: Um pouco porque Gilberto era mais prestigiado fora do Brasil do que dentro. Então, veio de lá para cá. E um pouco também, infelizmente, por uma espécie de desideologização. Entretanto, pode reparar lá na USP, agora quem está dando Gilberto Freyre?

Plural: Ninguém?

Chico: O Antônio Sérgio [Guimarães]. Mas acho que ele pega mais pelo lado de raça. Entretanto, acho que não é pelo lado de raça que Gilberto é forte. Ele é forte na formação da sociabilidade, é nisso que ele é forte. Ele é forte onde poucos são fortes no Brasil. Ao lado dele você só encontra de fato o Sérgio Buárque de Holanda. Mesmo plano, nível, a formação, só eles dois. Nem Caio Prado, que Antonio Candido considera como o terceiro grande demiurgo. Mas ele não influi muito, não tem uma contribuição notável sobre a formação da sociabilidade brasileira. Ele não é forte. Maria Célia Paoli também em seus cursos de pensamento social brasileiro dá um notável relevo para Gilberto Freyre.

Plural: O que o senhor chama de clássico na Sociologia?

Chico: Clássico é aquele que sempre perturba. Isso é ser clássico. A gente está envolvido em modismos. Esses modismos vão e voltam. De repente um iluminado acha que estamos atrasados, que é preciso renovar o ensino – sem dúvida que é preciso renovar sempre o ensino – mas aí radicaliza, vai para um lado e abole tudo. Clássico é isso. É alguém que te perturba

e que sempre te deixa com uma nova interrogação. Não te dá respostas, ele te dá formas de perguntar. E nisso Durkheim, Marx e Weber são imbatíveis! Eu acho uma bobagem estarem se debatendo sobre “com ou sem”. Não é questão de “com ou sem”, mas é “com e sem”. Quer dizer, você tem que dar aos clássicos essa forma. Talvez achem muito escolar, e talvez esta seja a crítica, de oferecer muito escolarmente uma disciplina para cada um. Eu acho isso uma vantagem. Agora, evidentemente, o que isso pode resultar? Pode resultar em um ensino exegético. Você vai atrás do que pensou Marx no trecho tal dos Manuscritos. Vejo muito pouca riqueza em utilizá-los cotidianamente. Na análise do cotidiano, na análise do fenômeno que está saindo hoje - na crise brasileira e mundial - aí a utilização é pobre e a coisa dirige-se de uma forma muito erudita. O sujeito muito erudito sabe muito de cada autor e aplica pouco. Tentaria fazer uma coisa mais rica, que o aluno passasse a utilizar em todas as disciplinas de Ciências Sociais. Mas ainda acho que há vantagens em se começar fazendo cursos específicos sobre os clássicos.

Em minha experiência aqui na Sociologia, eu gostava sempre de dar a Introdução às Ciências Sociais. Formamos uns bons anos de introdução. Eu, Maria Célia, às vezes a Vera Telles, o José Carlos Bruni... ele vocês não conheceram, né? O Bruni era um mestre. Dava uma aula que era para você gravar. A gente adorava dar Introdução porque você joga no aluno uma carga espantosa de novidade – a aula se transforma. Então, acho que tem vantagens, mas vejo problemas em dirigir o aluno excessivamente para a exegese.

Considero que o curso que oferecía-

mos de Introdução funcionava um pouco como uma espécie de choque, porque é uma passagem muito importante e que vocês que passaram por isso talvez não tenham refletido, essa passagem é extremamente importante, essa que você sai do que a gente chamava antigamente de curso secundário para a universidade, é um novo nascimento. Se você tiver uma boa parteira funciona, mas você tem que saber dar um choque daqueles que estraçalhe a cabeça do aluno. Tem que estraçalhar, o primeiro impacto era decisivo. E a gente dava uma Introdução que era uma maravilha, a aula do Bruni sobre Sociologia era uma coisa espantosa, exatamente pela raiz positivista. Era um impacto, a gente assistia a aula – toda aula que ele dava eu assistia. Foi uma perda para o Departamento ele ter se aposentado.

Plural: Mas aí parece que era mais um problema de imaginação sociológica do que de formação sociológica...

Chico: Não, a formação influencia na imaginação sociológica.

Plural: Muitas vezes a pressão não parte do Departamento, são pressões externas...

Chico: A Capes faz muita pressão. São sociólogos que estão orientando ela. É uma pressão por produtividade. Na FFLCH tem que fazer doutorado em três anos, quatro é demais. Bom, doutorado aqui na USP levava muitos anos. O Fernando Novais fez uma tese em um prazo que hoje seria considerado muito dilatado. É uma tese excepcional! E bota excepcional nisso! É muito difícil fazer tese excepcional e o Fernando fez. Ele é da geração do Fernando Henrique [Cardoso], foi dos últimos que fez doutoramento. Então tem

esse lado, a Capes foi apertando os parafusos. Apertando com o argumento de que leva muito tempo para formar, e ainda há, claro, a pressão social relacionada à demanda por novos alunos. Isso obriga de alguma maneira a enxugar os cursos, a exigir término mais rápido de mestrado e doutorado. Isso é uma tendência americana, é abominável, mas está aí!

Plural: Por trás disso não estaria uma outra concepção de Sociologia, além de somente uma questão particular sobre os Clássicos?

Chico: Claro que o que está por trás é uma outra concepção de Sociologia. É uma concepção que eu chamaria de minimalista.

Plural: E a concepção da sociologia que advoga para si mesma uma maior cientificidade se apegando às metodologias quantitativas?

Chico: A Economia passou pelo mesmo problema, pela mesma crise e deu no mesmo resultado. A Economia também quis ser uma ciência; isso é forte na Escola de Viena, ela queria descontaminar-se de qualquer outra influência teórica e de qualquer escala de valores. Não tem nenhuma interpretação. A Sociologia está fazendo o mesmo esforço, mas em fazendo o mesmo esforço, que é buscar a ciência como uma ciência exata, ela vai terminar no oposto. Outro dia eu peguei aquela revista de política externa editada aqui pela USP, e tinha um artigo sobre a Índia. E eu corri para ver sobre a economia da Índia, pois ela está estourando em todo canto. Não tinha nada diferente de um artigo sobre a economia norte-americana ou hoje sobre a estabilização no Brasil. Era tudo quantitativo, nenhuma interpretação. Aí vão para os pequenos temas porque dizem que as grandes narrativas desprezaram o co-

tidiano, a vida comum, mas não se desprezou nada, isso é uma bobagem.

Alguém ia se dar conta, como Durkheim, que o suicídio é um fato sociológico se você não estivesse atento ao cotidiano? Se não estivesse ligado a problemas que apareceram na sociedade? Quem ia se dar conta? Parece o ato mais privado, mais íntimo, mas ele descobriu que é um ato social. Isso ainda é visto nos exames para concorrer à pós-graduação. No nosso departamento particularmente. Se você chegar com a pretensão de uma grande narrativa, desembocar em um tema pesado da estrutura social, você é cortado. É pretensão demais.

Plural: Essa tendência você acha que já é hegemônica, na Sociologia em geral? Pensando até para além do Brasil...

Chico: Não é não. A Sociologia alemã não tem nada disso. Grandes autores não estão interessados no detalhe minimalista.. A Sociologia francesa está um pouco avacalhada, sem dúvida nenhuma. A Sociologia inglesa nunca foi muito boa, ela é boa no contato dela com a História. Nos Estados Unidos essa é a regra, o minimalismo e a falta de ousadia em torno das grandes narrativas. Qual livro notável existe sobre a sociedade americana? O que é equivalente nos Estados Unidos a *Casa-grande & Senzala*? O que é equivalente nos Estados Unidos a *Formação Econômica do Brasil*? Quase nada tem equivalência. Essa tradição brasileira realmente é notável. Não nos damos conta, mas você não pega livros com sínteses sobre a sociedade mexicana, tal como temos aqui. Você tem algumas produções, mas a produção mexicana esbarra sempre na ancestralidade pré-colombina. Você tem que se municiar assim de uma vastíssima literatura para entender o que é a sociedade

americana no seu conjunto. Acho que a Sociologia vai pelo mesmo caminho, vai terminar uma ferramenta inespecífica, quando as pessoas estão pensando que estão fazendo específico.

Plural: Professor, na sua opinião existe atualmente algum país ou escola que seja um pólo de filiação? Para se considerar o que é um clássico ou não...

Chico: Já houve, no passado.

Plural: Qual ou quais?

Chico: Ah, o Parsons certamente é um clássico, há o Merton... Eles continuam provocando. O Habermas é um clássico hoje no mundo todo. Ninguém pode hoje estudar a sociedade contemporânea sem Habermas. Pode gostar ou não dele, mas eles continuam mostrando potência para produzir peças no xadrez do pensamento social que são indispensáveis.

Plural: Há alguma escola específica como Frankfurt, Chicago...

Chico: De uma forma hegemônica não tem. Eu não falo de um pensamento hegemônico na formação brasileira, até porque há muitas pessoas que fazem pós-graduação no exterior. Eu sinto uma espécie de onda.

Plural: Normalmente vem de fora a tendência?

Chico: Normalmente vem de fora. Há pouca coisa original. É exatamente aí que entra o risco da erudição. As pessoas tendem a achar que o pensamento nacional é fraco. Há sempre uma reverência à cultura dos outros países. Isso só assinala que há uma produção de ciência social que não reflete sobre si mesma. Que é um passo que qualquer sociólogo tem que

dar. Não há hoje em dia um pensamento equivalente ao que a Cepal produziu. Nós perdemos isso.

Plural: Perdemos? Por quê?

Chico: Perdeu-se por duas razões: a primeira foi a ditadura, sem dúvida nenhuma. A ditadura cortou os laços com a América Latina. O golpe militar no Chile simplesmente fechou as instituições... não pôde fechar a Cepal porque ela era das Nações Unidas, mas cortou a influência. Toda a influência da Cepal desapareceu. Não há hoje uma Escola de Economia que tenha um curso sério sobre a teoria cepalina. Nenhuma escola de economia no Brasil, salvo o Instituto de Economia da Unicamp, leva-a a sério, para a maior parte aquilo é uma adaptação. Eu acho que o pior se passa na Sociologia quando não há realmente a valorização e a tentativa de virar-se sobre si próprio. Vai no sentido minimalista, você recorta cada um na sociedade e tenta, até por obrigação didática, fazer uma resenha da literatura, daí passa por tudo

Plural: Então, qual seria o papel do sociólogo hoje?

Chico: O papel do sociólogo há de ficar parecido, daqui a pouco, com o do assistente social. Ainda, a sociologia quer se recolher numa espécie de insignificância e tratar de "casinhos" pequenos. Quer botar no colo e consolar. Essa é a verdade!

Plural: Professor, tendo em vista o que foi falado e o objetivo da entrevista, nós gostaríamos de saber a opinião do senhor com relação à existência de um curso monográfico...

Chico: Eu acho importantíssimo, mas não que ele seja todo monográfico. Mas sim,

que se tenha também cursos monográficos. É decisivo colocar o estudante diante de um tema ou um autor que é absolutamente fundamental.

Plural: O senhor acha que o Gilberto Freyre talvez merecesse um curso monográfico na graduação?

Chico: Eu acho! Não deve ser uma regra rígida e para sempre, mas de tempos em tempos deve-se dar uma mudada e pegar um autor como esse e fazer um curso monográfico. Faz um curso intenso, que vá até o fim. Bom, quatro anos depois, você larga isso e pega outro autor. Como o Darcy Ribeiro. De vez em quando se deve pegar um grande autor, não sendo para ele ficar na grade eternamente.

Plural: Os clássicos - Durkheim, Marx e Weber - teriam que passar por esse mesmo processo, de se renovarem na grade e não serem permanentes?

Chico: Eu defendo em princípio a permanência. Mas ao invés de você ter os “três porquinhos” fixos, você pode dar uma misturada com outros autores. Alguém faz o esforço sistemático de ler Weber à luz de Marx e Marx à luz de Weber? O que se cultivou por muito tempo foi uma tremenda oposição. Então, fazer um curso monográfico de Marx e Weber é de uma riqueza estrondosa! É um diálogo intenso, em todos os campos eles se chocam, se opõem, se cruzam e se fecundam. É impressionante.

Plural: Hoje a referência do Departamento de sociologia da USP ainda é a França ou já mudou bastante?

Chico: É certa França, mas a internacionalização da Sociologia obriga a frequentar-se outras praias sociológicas....

Plural: Que França?

Chico: A França de Bourdieu.

Plural: E a influência da Usp para as outras universidades do país, como se dá?

Chico: Ela é menor. É muito menor hoje, porque as universidades da província felizmente aprenderam o caminho das pedras. Então eles mandam seus alunos diretamente para o exterior sem passar pela USP.

Plural: E hoje, além do Rio, há outros centros que se distinguem da USP quanto às linhas de pesquisa?

Chico: Não sei te dizer por que não frequento a CAPES, que é basicamente quem avalia os cursos.

Plural: Mas considera que a influência não é tão forte como já foi.

Chico: Sim, a influência não é mais tão forte porque as outras cresceram muito e a USP não cresceu tanto. São instituições que, ao crescerem, criaram suas próprias pós-graduações e vão “intercambiando” diretamente com outros centros. O pessoal de Belém, por exemplo, tem uma relação especial com a Alemanha. Você encontra gente diretamente saída de Belém para a Alemanha, então não passa mais pela USP. Ainda, o acolhimento de estudantes de outros Estados pela USP, apesar de ser enorme, nunca teve um tratamento especial, quando deveria ter. A USP perdeu porque não se deu conta que é importante para o resto do país. Cheguei a ver atos de claro preconceito contra gente do Nordeste. Eu vi, não é fabulação. Quer dizer, a USP nunca soube que ela valia tanto. Se soubesse, se tivesse percebido teria criado um estatuto especial para alunos brasileiros de outras universidades. Aí eles

aprenderam o caminho das pedras, vão direto à CAPES e ao CNPq, pedem bolsa, vão ao exterior, começam a estabelecer contato também. As outras universidades cresceram, a federal do Rio Grande do Sul cresceu muito, a do Paraná cresceu muito e tem relações diretas que não passam mais pela USP.

Por isso a influência da USP diminuiu. O paradigma USP está sendo modificado, não superado, o que eu não diria que é um padrão ruim, mas está sendo modificado. E em muitos setores você já não têm nomes da USP liderando. Essa liderança continua, mas não é mais geral, tão avassaladora como era pelo menos há uns 15 anos. Isso é bom, não estou me queixando, isso é bom porque traz outras influências e a chance da pluralidade. Se vocês consultarem os dados vão ver que a USP continua sendo o maior receptor de estudantes brasileiros que querem fazer pós-graduação. Ela certamente continua tendo o maior número, mas ela perdeu muito, e parte porque não soube que se destacava. É uma quase veneração. Você chega em alguns lugares no Brasil e você é anunciado como professor da USP, é quase um semi-deus, como se dali saísse a luz, mas às vezes só sai escuridão. Ontem eu fui ali, nem era longe, nem fora de São Paulo, fui ali a Santo André, na Fundação Santo André, na semana de Ciências Sociais que eles organizam todo ano. Aí o meu anúncio era Professor Titular da USP. Bom, aí eu disse: “gente, não é essa coisa toda, manerem um pouco aí no aplauso...”.

Eu me espantei muito quando fui a Belém uma vez numa conferência sobre *Amazônia e a Crise da Modernidade*, foi Maria Ângela d’Incao que é formada pela USP. A Maria Ângela está lá na Unesp de

novo, ela passou uma temporada em Belém, no Museu de Antropologia Emilio Goeldi. Então ela organizou essa conferência e ela listou um monte de gente da USP para ir participar dessa conferência da *Amazônia e a crise da Modernidade*. Estávamos eu, Oliveiros Ferreira, Paul Singer, Milton Santos, Aziz Ab’Saber. Quer dizer, tirassem o meu nome, era o melhor que a USP podia oferecer, era um time da pesada. Aí ela me pediu: “Chico faz um pedido de auxílio à FAPESP, porque se vier da Amazônia eles não vão aceitar, porque ela só atende São Paulo”. Está bem, eu fiz o pedido. O pedido era passagem e hospedagem para esse time de gente da USP. O parecer, vocês não acreditam! Nele, dizia que aquilo era financiar turismo na Amazônia. Aí pisou nos meus calos. Então, eu mandei um contra- parecer violentíssimo, mandei a lista bibliográfica de Milton Santos, Oliveiros Ferreira e perguntei ao parecerista: “você acha que essas pessoas precisam de financiamento para fazer turismo na Amazônia?”. Isso é uma falta de consideração que mede a falta de importância que a USP dá ao seu papel para o resto do país. O sujeito recuou e deu o dinheiro. Só que não adiantava mais porque o congresso já tinha se realizado e eu não ia gastar o dinheiro da FAPESP justificando com nada, devolvi o dinheiro todo. Isso mostra um pouco como eles vêem a relação com os outros Estados. Isso foi o *Estadão* que construiu, a idéia de uma locomotiva puxando vagões vazios...

Tudo isso para dizer que os “três porquinhos” devem continuar. Gostaria que eles fossem usados de maneira mais rica, mais criativa, mais ousada. Uso os “três porquinhos” com a maior liberdade, até porque

sou menos erudito, não tenho nenhum respeito pelas convenções a respeito deles. Uso e abuso. Na verdade o que uso menos é Durkheim, por uma certa falta de empatia. Eu uso muito Weber, aprendi a ler Weber velho. Ninguém dava Weber quando freqüentei Ciências Sociais, imagina...

Está na hora de fazermos uma virada e, como se diz, o termo é contraditório, pensar com as próprias pernas. Vejo pouco esforço. É como se teoria fosse proibida aos tupiniquins. É como se não fôssemos feitos para isso. Então é bom continuarmos lendo os autores de fora, o que é ótimo, evidentemente, mas para quem os usa para dar um passo acima. E se você olhar o panorama, realmente, tem muito pouco pensamento original sobre o Brasil, sobre a sociedade brasileira nas nossas universidades. Tem hoje uma enorme produção técnica. Mas o ambiente não prepara os que hoje são de alguma forma discriminados. Darcy Ribeiro escreveu o *Povo Brasileiro* e os antropólogos de São

Paulo acham aquilo uma barbaridade, porque essa categoria de povo não é científica, não consegue explicar, não abre para nenhum registro. Quando a gente sabe que empiricamente existe, diabo! Existe uma forma de ser que é bastante diferente dentro da América Latina. Tenho que singularizar esses brasileiros, que existe sim um povo brasileiro, diabo! Você está num continente em que é o único que fala português. Isso não é à toa. Principalmente para um antropólogo. Para um antropólogo, você ser o único povo que fala português faz uma enorme diferença. Você não tem a menor intimidade com os códigos das outras nações latino-americanas. Conheço bastante a América Latina. Viajei muito por conta da Cepal, trabalhei fora depois do golpe militar... não temos a mínima intimidade com os códigos das outras sociedades latino-americanas, basta isso. Não temos a mínima intimidade. Não conhecemos seus mitos, suas histórias.